

## BREVES E INESQUECÍVEIS LEMBRANÇAS DE GUERRA

*Dogivane Marques dos Santos<sup>1</sup>*

### **Resumo**

Essa pesquisa tem como embasamento o trabalho com a memória. Nesse trabalho constam as recordações de dois personagens, que vivenciaram cada um em situação diferente, o cenário da Segunda Guerra Mundial. Um soldado-praça, ex-combatente da FEB (Força Expedicionária Brasileira), e o filho de um casal de judeus, que diante do anti-semitismo que marcou profundamente a Europa na primeira metade do século XX, seus pais vêm em direção ao Brasil, e assim trazem consigo os momentos de terror vivenciado num país massacrado pelas forças nazistas, ambos esses personagens atualmente, são residentes no pequeno município de Riachão do Jacuípe, Bahia.

*Palavras-chaves:* soldado-praça, memória, anti-semitismo

### **Abstract**

This search is reliance working with memory. This work included the memories of two characters, which experienced each situation different world war scenario. A soldier-square, ex-combatant the FEB, and the son of a Jewish couple, which in the face of anti-Semitism that marked deeply Europe in the first half the 20 the century, his parents see toward Brazil, and thus bring the moments of terror experienced in a country being assaulted by Nazi forces, both These characters are currently residing in the municipality of Riachão do Jacuípe, Bahia.

**Keywords :** soldier-square, memory, anti-Semitism

### **O Brasil e a Segunda Guerra Mundial**

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, as relações humanas na sociedade do século XX são profundamente modificadas. Começando pelo re-ordenamento geo-político com a divisão do mundo em dois blocos ideológicos. Comunistas de um lado e socialistas do outro, a partir do final do conflito se entrincheiram na defesa de seus interesses.

<sup>1</sup>Aluna do VIII Semestre do Curso de Licenciatura em História da Universidade do Estado da Bahia, Campus XIV, 2010.

Mas a guerra em si é permeada por personagens obscuros. São anônimos que do episódio fizeram parte e de alguma forma tiveram suas vidas marcadas, mas que poucos sabemos de suas histórias. E é com essa finalidade que esse trabalho vem apresentar ao menos duas histórias distintas, de pessoas que tiveram suas vidas ligadas diretamente a Segunda Guerra Mundial.

Essas pessoas vivem em um pequeno município do interior baiano, Riachão do Jacuípe, localizado a 186 km de distância da capital.

O primeiro personagem a ter a sua história de vida apresentada nesse trabalho trata-se do Senhor José Francisco da Silva, ou como ficou conhecido no município, Seu Zé Praça. Filho do casal de primos de primeiro grau, Argemiro da Silva e Anizia Francisco da Silva, nasceu no município de Riachão do Jacuípe, aos 22 de abril de 1922.

O outro personagem a ter sua história apresentada é o professor Armand Michel Cassyl Cohen, filho de judeus, que viveram na Romênia durante o período da guerra.

O trabalho desenvolvido teve como base a história oral, além de material impresso, bibliografia, constam ainda os registros do Livro de Tombo da Paróquia de Riachão do Jacuípe.

## **Os atores e suas lembranças de guerra**

Em se tratando de guerras, é preciso que se façam considerações quanto às peças envolvidas na beligerância. Dessa que pode ser uma longa lista estarão incluídas as motivações do ocorrido, o espaço físico, as forças opositoras e com elas os atores, que em muitas vezes é apenas alguém na multidão.

A Segunda Guerra Mundial não poderia ser diferente. Desse panorama originaram-se todos esses elementos. Burke cita John Keegan, um especialista na escrita sobre conflitos, que classificou a guerra como sendo um fenômeno cultural. O traço observado por Keegan seria as condições apresentadas para a formação de uma geração. Ou seja, o sentimento que cada um guarda, ao estar diante de um episódio desses.

A história da violência, como coloca Burke, ainda desperta muita curiosidade entre os historiadores, visto que a guerra é sempre vista como uma “*erupção de um vulcão, a expressão de impulsos humanos que nada tem a ver com a cultura.*”

Entre explosão de ódios ou fator cultural, a guerra envolve em si um contingente considerável, capaz de remanejar indivíduos de um extremo outro. Esses seres que em sua maioria esmagadora são invisíveis possuem visão privilegiada da situação. São os soldados que estão no campo de conflito ou os refugiados fugitivos da violência.

As lembranças que esses indivíduos guardam, nem sempre são levadas em consideração nos relatos oficiais. Afinal o espaço geográfico do conflito precisa receber uma história oficial, onde não cabem relatos de soldados rasos e nem tampouco o drama vivenciado por uma família fugitiva da perseguição nazista.

Nesse sentido a micro-história busca justamente enfatizar os dramas pessoais, e mesmo elevar os relatos heróicos de quem esteve frente a frente com um inimigo. Fazer análise de conjuntura da situação, de forma científica não seria bem o papel desses atores, o que se busca justamente é o relato das experiências vividas, as lembranças a memória.

O que lembrar acaba sendo um ato seletivo. Nossa memória é fugaz. O que fica são os traços mais fortes de um acontecimento. Os que não atribuímos tantos significados assim acabam sendo excluídos dos nossos sentimentos. No caso em questão. Ainda sobre memória Burke coloca que o interesse sobre esses assuntos é crescente por estarem “deixando de fazer parte da memória viva.”

À medida que os acontecimentos retrocedem no tempo, perdem algo de sua especificidade. Eles são elaborados, normalmente de forma inconsciente e assim passam a se enquadrar nos esquemas gerais correntes na cultura. Esses esquemas ajudam a perpetuar as memórias sob custo, porém, de sua distorção. (BURKE,p. 88, 2004)

O indivíduo como sendo o centro da história, deixa de ser um rosto na multidão e passa a fornecer pistas para uma escrita diferenciada da oficial. Foi o que fez magistralmente Ginzburg, em seu *O queijo e os vermes*, que a partir da história de um moleiro, descreve a mentalidade uma sociedade do século XVI.

Ao contrário do moleiro de Ginzburg, os personagens aqui participantes têm origens bem distintas, mas que não impediram que um mesmo acontecimento cruzassem seus caminhos, ainda que morando em países diferentes, continentes diferentes, a vida se encaminhou de juntá-los em um mesmo município de porte pequeno.

Ainda sobre o que ser re-lembrado ou não Pollak coloca

A fronteira entre o dizível e o indizível, o confessável e o inconfessável, separa, em nossos exemplos, uma memória coletiva subterrânea da sociedade civil dominada ou de grupos específicos, de uma memória coletiva organizada que resume a imagem que uma sociedade majoritária ou o Estado desejam passar e impor. Distinguir entre conjunturas favoráveis ou desfavoráveis às memórias marginalizadas é de saída reconhecer a que ponto o presente colore o passado. Conforme as circunstâncias, ocorre a emergência de certas lembranças, a ênfase é dada a um ou outro aspecto. Sobretudo a lembrança de guerras ou de grandes convulsões internas remete sempre ao presente, deformando e re-interpretando o passado. (POLLAK, 1989)

## **Um sertanejo baiano, nos campos de batalha da Europa**

Entender a participação de um indivíduo numa guerra pressupõe que entendamos a motivação que o levou a participar da beligerância. Nas guerras dos tempos modernos, um nacionalismo exacerbado determina as motivações. Mas qual motivação teria um jovem sertanejo, trabalhador rural a se alistar no exército sabendo que iria para guerra, em um lugar mais distante que a sua imaginação pudesse calcular?

O comprometimento político do governo Vargas com os EUA, já fora citado em síntese aqui, mas os ânimos por esses tempos ficaram bastante exaltados entre a população, que por aquela época só tinha o rádio como portador de notícias de que o país estava sendo atacado por forças estrangeiras. E foi esse sentimento de ajudar o país que começa a saga do sertanejo José Francisco da Silva, ou como ficara conhecido após a sua volta dos campos de batalha, “*Seu Zé Praça*”.

José Francisco da Silva nasceu no dia 22 de abril de 1922. De família humilde moradora da zona rural, em Candeal que por esse tempo fazia parte das possessões do município de Riachão do Jacuípe, localizado a exatos 186 km da capital baiana. Era filho de Argemiro Francisco da Silva e de dona Anízia Francisco da Silva.

Até então as ambições de seu Zé Praça não se estendiam além dos limites rurais de onde morava e ajudava no roçado da família. Mesmo vivendo longe dos grandes centros cultivava sim, o desejo de ingressar nas fileiras do exército, pois a vida não lhe apresentava lá grandes perspectivas.

O curioso de saber de como ingressou posteriormente no exército, seu Zé Praça nos apresenta duas versões. É importante lembrar que as memórias aqui retratadas são contadas por um senhor já com oitenta e seis anos. É o momento de reflexão em nos atentarmos a alguns detalhes: primeiro a avançada idade já não concebe lembranças nítidas do que ocorreu, na outra ponta o fato de ter participado de um episódio de tamanha envergadura favorece a memória contabilizar os fatos da forma mais heróica possível, fazendo com que detalhes menos honroso, não seja omitido, mas simplesmente apagado da memória, pois o momento que se seguiu o término da guerra, foi o que ele mesmo denominou como sendo a “glória”, afinal seu Zé Praça estava do lado vencedor, ou seja, saiu sertanejo rural e voltou um “herói da pátria”, mesmo que de forma invisível a história. Fiz quatro visitas a Seu Zé Praça. A primeira serviu para uma conversa mais informal sobre o trabalho. A segunda e a terceira visita, de fato adentramos no nosso objeto de pesquisa, às suas lembranças de guerra e a última ele me apresentou as fotografias, algumas delas ilustram esse trabalho. Mas vamos aos fatos da sua participação e as versões apresentadas quando do seu ingresso nas fileiras militares.

#### **Dogivane – Como o senhor se alistou para ir a guerra? (04 de novembro de 2008)**

**Zé Praça-** *(silêncio, seguido de risos) Ah minha filha! Eu trabalhava no roçado lá em Candeal (nessa época ainda fazia parte do município de Riachão do Jacuípe) aí meu patrão chegou e disse, Zé você quer entrar no exército? Quero. Aí ele arrumou tudo.*

Essa foi a primeira versão apresentada por seu Zé Praça, de que fora seu patrão que fizera o convite e providenciara toda a documentação para o alistamento. O espaço para a segunda versão apresentada por ele transcorre em quase um ano, pois em setembro de 2009,

novamente volto a indagá-lo de como havia se dado a sua inserção no exército e a resposta é totalmente diferente. A seguir:

**Dogivane – Como o senhor se alistou para ir a guerra?** (05 de setembro de 2009)

*Zé Praça- deixa ver se eu lembro (silêncio) minha filha teve um dia que eu me envolvi numa confusão, e foi todo mundo parar na delegacia, quando se arresolveu tudo o delegado disse que eu ia pro exército. Eu fiquei foi alegre (risos)*

Essa foi a segunda versão apresentada por seu Zé Praça de seu ingresso no exército. Segundo a professora doutora da UNEB, Sharyze Piroupo do Amaral, essa versão se aproxima da mais provável a ter acontecido com seu Zé Praça, pois desde o Império o alistamento compulsório no exército era usado como castigo e poderia durar de 7 a 9 anos. Provavelmente nunca iremos saber como se deu esse alistamento. Mas experimentar algo novo, poderia estar aí à motivação de ir lutar numa guerra da qual não tinha praticamente nenhuma informação, ou será que realmente precisaria de uma motivação extra para ir a guerra por aqueles tempos?

**Dogivane: Antes de ir a guerra, mesmo longe o senhor sabia do que estava acontecendo naquele momento?**

*Zé Praça: Quando eu ia na cidade o povo falava de uma guerra que tava matando todo mundo. Lá na roça a gente num tinha rádio e só sabia das coisas quando vinha aqui na rua, o que era raro.*

De qualquer forma, o seu nome constou da lista divulgada pelo *Jornal A Tarde*. É como aparece hoje à listagem de quem passa num vestibular, bem assim ocorreu com aqueles que pleiteavam uma vaga no exército brasileiro, os nomes dos escolhidos foram divulgados em jornal. Ao todo 686 baianos integraram a FEB (Força Expedicionária Brasileira)<sup>2</sup>.

O que se segue desse momento em diante foram às providências para a remoção dos futuros combatentes ao local de destino, o Rio de Janeiro. É de se imaginar que a logística empenhada para reunir todas essas pessoas deveras ter sido das mais audaciosas, visto que estávamos no início da década de 1940 onde o sistema de transporte era incapaz de cobrir o vasto território brasileiro.

<sup>2</sup> Fonte: *Jornal A Tarde*, 10/05/2009.

**Dogivane: Depois do alistamento como se deu a organização para a viagem?**

**Zé Praça:** *foi todo mundo lá pra Feira de Santana. De lá para Salvador e depois embarcamos para o Rio de Janeiro.*

O pelotão em que seu Zé Praça embarca não seria o primeiro a partir. Das mais variadas regiões se juntaram homens e mulheres em direção além-mar. A seguir trechos do hino composto em homenagem a FEB e de onde se entenderá as razões dos comentários, pois os soldados brasileiros foram oriundos dos mais diversificados pontos do território.

*Canção Do Expedicionário<sup>3</sup>*

*Você sabe de onde eu venho?  
Venho do morro, do Engenho,  
Das selvas, dos cafezais,  
Da boa terra do coco,  
Da choupana onde um é pouco,  
Dois é bom, três é demais,*

*Venho das praias sedosas,  
Das montanhas alterosas,  
Dos pampas, do seringal,  
Das margens crespas dos rios,  
Dos verdes mares bravios  
Da minha terra natal.*

*Por mais terras que eu percorra,  
Não permita Deus que eu morra  
Sem que volte para lá;  
Sem que leve por divisa  
Esse "V" que simboliza  
A vitória que virá:*

*Nossa vitória final,  
Que é a mira do meu fuzil,  
A ração do meu bernal,  
A água do meu cantil,  
As asas do meu ideal,  
A glória do meu Brasil.*

*Eu venho da minha terra,  
Da casa branca da serra  
E do luar do meu sertão;*

*Venho da minha Maria  
Cujo nome principia  
Na palma da minha mão,*

*Braços mornos de Moema,  
Lábios de mel de Iracema  
Estendidos para mim.  
Ó minha terra querida  
Da Senhora Aparecida  
E do Senhor do Bonfim!*

...

A análise desses trechos da Canção do Expedicionário retrata com exatidão a formação das fileiras “dos praças”. Eram sujeitos advindos dos mais variados lugares. Seu Zé Praça talvez com certeza estivesse representado no verso dedicado a alguém que vinha da terra onde se via o *luar do sertão*.

**Dogivane:.** Além do senhor, quem mais aqui do município participou dessa campanha?

**Zé Praça:** Ah! Eu lembro de Tuite, Cici, Manuel Bispo e Estevão, mas num ta nenhum mais vivo (risos) só sobrou eu, mas eles num morreram lá não (Itália) morreram já aqui.



*Em companhia de colegas de farda, seu Zé Praça ao meio.*

<sup>3</sup>Letra: Guilherme de Almeida/Música: Spartaco Rossi

**Dogivane: O que aconteceu quando chegaram ao Rio de Janeiro?**

**Zé Praça:** *A gente ficou lá dois meses treinando com os americanos. Você acredita que eu num entendia nada do que eles falavam? (risos) aí eles iam fazendo as coisas com as armas e agente ia olhando, aí foi aprendendo alguma coisa, saí formado “Atirador da 1ª Peça da Metralhadora”.*

O acordo de guerra que envolvia cooperação, firmado entre Brasil/EUA começava então tomar forma. Os pracinhas oriundos das mais diferentes estirpes sociais, culturais se juntaram todos na capital do país, o Rio de Janeiro. Soldados norte-americanos então assumiram o treinamento dos futuros combatentes.

Esse episódio seu Zé Praça diz se lembrar com nitidez, devido ao fato da grande maioria não entender uma única palavra dita pelos norte-americanos, à barreira da língua vai ser lembrado por ele novamente mais adiante.

Treinamento aplicado, isso tudo em hábeis dois meses. Hábeis porque, já por aqueles tempos o poder de fogo e o avanço tecnológico americano já eram grandes, e a maioria dos soldados brasileiros mal tinha visto uma garrucha, já teriam que sair dali sabendo atirar, montar e desmontar armamentos de última geração. Seu Zé Praça saiu formado “

Depois do processo de treinamento enfim o embarque, essa data está gravada na memória de seu Zé Praça – dois de fevereiro de 1945. Os relatos que se seguem são até de natureza inusitada, visto que os jovens estão indo a uma guerra, em outro continente, muitos deles sem saber ao certo o que irão combater e mesmo a possibilidade de muitos tombarem em campos estrangeiros. O inusitado disso tudo reside nas lembranças postas por Zé Praça, a alegria no momento do embarque e durante toda a viagem. A viagem a bordo de um navio, durou exatos “quatorze dias e quatorze noites” como bem gosta de colocar.

**Dogivane: Como foi a viagem no navio?**

**Zé Praça:** *Ah foi boa demais, a gente levou um bucado de coisa : violas, pandeiros, atabaques além de fotos da família. Agente ia sorrindo, contando piada, que nem aprecia que a gente tava indo pra guerra.*



***Foi esse navio, o Duque de Caxias, que transportou seu Zé Praça para a Itália e na volta.***

Mas estavam. O navio com os brasileiros chega à noite do dia dezesseis de fevereiro de 1945 e atraca no porto de Nápoles na Itália. Esse contingente seria o último a ir para a Itália. A guerra já se arrastava desde 1938, mas o Brasil decide entrar no conflito em 1944. Só depois de uma longa negociação entre EUA/ Brasil e Grã-Bretanha é que o país soube finalmente onde iria atuar, pois havia uma resistência inglesa quanto à presença do Brasil no Mediterrâneo.

Superado os conflitos de ordem operacional em junho de 1944 segue os primeiros combatentes. Com a chegada do último destacamento onde embarcou seu Zé Praça, assim seria acrescido aos soldados brasileiros, que já estavam combatendo. No comando dessa tropa estava o Gen. João Mascarenhas Moraes, a quem seu Zé Praça relembra o chamando de “*cearense retado*”, mas que tinha um excelente coração.

## **Os combates**

E é exatamente o momento da chegada que revela aos nossos alegres viajantes de que estavam realmente numa guerra. Ao atracarem no porto de Nápoles, começaram então a desembarcar o que haviam levado do Brasil. É nesse clima que os soldados percebem o quanto é difícil viver sob saraivadas de balas, o momento não era mais de treinamento, pois

ao se dirigirem ao alojamento começaram a ouvir barulhos estrondosos, que até então eram desconhecidos pelos praças combatentes.

**Dogivane: Como foi a chegada da tropa na Itália?**

**Zé Praça:** *A gente desembarcou no porto de Nápoles aí disseram pra cada um pegar a sua bagagem. Fizemos isso e fomos caminhando para um prédio. Quando a gente subiu a escada, alguém gritou corram. (risos) ué a gente saiu correndo né, a gente correu muito e levaram agente para um subterrâneo do prédio. Só depois é que disseram pra gente. Sejam bem vindos a guerra! Na hora nem entendi direito. Mas depois explicaram que eram os inimigos que estavam bombardeando tudo, ainda bem que ninguém se machucou.*

**Dogivane: Não se arrependeu de ter ido quando aconteceu esse episódio?**

**Zé Praça:** *Não. Não tinha mais como voltar*

Nesse momento não tinham mais como recuar, a alegria do navio fora imediatamente substituída por um sentimento de que era preciso sobreviver, ali não tinha mais volta, e sim um único objetivo, aniquilar o inimigo, ao menos era essa a instrução que fora exaustivamente repassada aos soldados ainda aqui no Brasil, segundo seu Zé Praça.

Após essa “recepção calorosa”, ofertada pelos inimigos do Eixo, os combatentes foram alojados no quartel de Staffo (sic), em Pompéia. O que se segue a partir da acomodação dos recém chegados praças é adaptação principalmente ao clima gélido europeu. Seu Zé Praça revela que o frio, a neve em alguns momentos eram piores do que os inimigos do campo de batalha.

**Dogivane: Como era o cotidiano das frentes de batalha?**

**Zé Praça:** *o pior de tudo era o frio. Eu nunca tinha nem sonhado de como era a neve, e quando agente chegou lá tava nevando, nunca senti tanto frio na minha vida. A gente recebia para ir pras trincheiras um maço de cigarros, um cantil com água ou café, e uma lata aonde vinha uns biscoitos, a gente chegava a ficar até 24 horas dentro das trincheiras, era cansativo. Ma era divertido. Eu fui até conhecer Roma.*

O cotidiano no front já se tornou objeto de estudo de alguns trabalhos acadêmicos, e mesmo estando numa guerra ocorria episódio pitoresco, como em uma das poucas fotos ainda restantes do acervo pessoal de seu Zé Praça, ele me mostra a foto de uma moça num bicicleta, onde perguntado de quem se tratava, respondeu que era uma das muitas moças que os soldados contratavam para lavarem suas roupas. O jornalista Joel Silveira, que esteve cobrindo essa guerra conta outro episódio curioso, de que a FEB parava em algumas cidades para imprimir um jornalzinho que circulava entre a tropa brasileira. É curioso saber desses detalhes, porque se imaginando numa guerra a sensação que temos é de caos total, e de que a avidez por combates sangrentos é recorrente, o que acaba sendo uma inverdade.



*Essas fotos é um dos fatos pitorescos desse conflito. Essas moças eram lavadeiras contratadas pelos soldados aliados para lavarem seus fardamentos.*

O rigoroso inverno europeu se tornou um dos maiores obstáculos para os soldados. Mas para enfrentá-lo foi necessária muita inteligência, com adaptação do vestuário, visto que essas roupas chegou a tropa com atraso. Mas com a natureza do brasileiro de tentar se adaptar as intempéries, segundo o jornalista Joel Silveira a neve se tornou lazer para a tropa.

O frio me enrolou como se eu tivesse caído numa fogueira gelada, e quando salto do buraco meus pés estão inertes como dois pedaços de chumbo. De um modo geral porém, o pracinha tem resistido bem. Eles receberam o inverno como uma novidade estranha muito diferente. Alguns deles tomaram skis emprestados aos paesani e deslizam agora pelas encostas das colunas mais suaves, nas curtas folgas da retaguarda. Outros organizam violentas lutas de bola de neve, e já há bonecos brancos esculpidos no gelo, fruto da habilidade de qualquer nordestino ou paulista. (SILVEIRA,p. 46,2005)

Além das intempéries da natureza seu Zé Praça revela outra dificuldade para vencerem os inimigos

*Seu Zé Praça: A região era extremamente montanhosa, e de densa floresta. Os soldados alemães que já estavam lá conheciam mais a região do que os brasileiros. Em um dia de combate a gente viu os alemães se utilizaram de táticas de camuflagem com roupas que se pareciam a vegetação, além de amarrarem folhagens aos seus corpos, os soldados saiam dos esconderijos e o tiroteio era brabo. Nesse dia foi o mais demorado dos combates, tendo o grupamento brasileiro saído como vencedor.*

A participação da FEB (Força Expedicionária Brasileira) foi fundamental para o alcance de êxito na batalha de Monte Castello, aliás, essa foi à batalha mais famosa com a participação de soldados brasileiros, esse é um dado colocado por seu Zé Praça que revela que não participou desse embate, pois havia chegado depois dessa batalha, mas que conheceu ainda na Itália a maioria dos soldados brasileiros que combateram em Monte Castello, e que em conversas eles revelavam o quanto foi difícil a conquista, em razão dos soldados desconhecerem a região, os inimigos desapareciam por entre a vegetação, o que em muitos momentos dificultou a ação.

A guerra em algum momento teria que chegar ao fim. Esse dia chegou para os combatentes e demais envolvidos no conflito. Assim como ocorreu ao término da Primeira Guerra Mundial onde foi derrotada, a Alemanha sucumbiu ao poder de fogo da aliança e mais

uma vez perde o segundo conflito. Com o término então, enfim os soldados podem retornar para suas pátrias. Se na ida aos campos de batalha faziam batucada no convés do navio à volta, como era de se esperar foi mais animada ainda.

A chegada ao Rio de Janeiro foi cinematográfica sendo recebido pelo então presidente Vargas, culminou com um gigantesco desfile pelas ruas centrais da capital federal. Seu Zé Praça relata que ao desembarcarem um a um, recebiam uma condecoração - medalha de bravura - das mãos do presidente Vargas. O momento era de glória para os combatentes, que a partir desse momento, passaram a figurar no panteão de heróis da pátria. Mesmo não sabendo ao certo por quais razões o país se envolveu no conflito, longe do seu continente.



*O retorno dos soldados, desfile na Avenida Brasil no Rio de Janeiro, a multidão aplaude*

Como bem mostra a foto acima, a multidão estava eufórica e por alguns dias puderam se esquecer de que viviam numa ditadura com semelhanças não tão distantes, da que os pracinhas foram lutar contra, lá na Europa. Era uma situação no mínimo contraditória

O contraditório residia nas razões do envolvimento do Brasil no conflito, e a situação política do país. Foram combater por liberdade em terras estrangeiras, e o país vivia sob um regime ditatorial. A derrocada de Vargas teve uma de suas origens justamente à participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial, pois os brasileiros foram lutar em solo estrangeiro por liberdade e ao mesmo tempo vivia uma ditadura. Assim o governo Vargas não demora muito no poder, cai no mesmo ano do fim da guerra.

A chegada à cidade de Riachão do Jacuípe para seu Zé Praça foi um misto de alegria, alívio, saudades e tudo mais que cerca alguém que esteve fora por muito tempo. Recebido como herói na cidade. Dias de festa, almoços e muitas paqueras e que resultou no seu casamento mais tarde.

*Ação de graças a Deus pelo término da Guerra. Após uma luta encarnicida e fraticida de quase seis annos surgiu felizmente, a paz entre as Nações belligerantes com a vitória dos Paizes aliados. A santa Igreja jamais cessou-se de orar pela paz, até que, enfim Deus Nosso Senhor se dignou ouvi os nossos rogos, por intermedeio da Rainha da Paz, a excelsa Virgem das Virgens, concedendo ao mundo essa grande mercê nos primeiros dias do presente mês de Maio, consagrado à Nossa Senhora. Por esse motivo celebrou-se na Igreja Matriz uma missa em acção de graças com a assistência de grande numero de fieis, que repleto de regozijo, entoavam hymnos, piedosos a inclyta Mãe de Deus<sup>4</sup>.*

*Freguezia do Riachão, 26 de Maio de 1945*

Com o término da guerra os soldados em sua maioria foram dispensados dos serviços militares. Assim também ocorreu com seu Zé Praça, que em seguida casou-se e foi ter como profissão pedreiro.

---

<sup>4</sup>Fonte: Livro de Tombo da Paróquia de Riachão do Jacuípe SKIDMORE, Thomas E. **Brasil: de Getúlio Vargas a Castelo Branco (1930-1964)**. 14. ed Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.



*Seu Zé Praça e sua esposa dona Margarida*

Anos mais tarde participou de um grupo de ex-combatentes da região e construíram uma sede onde funciona a associação dos ex-precinhas na cidade de Feira de Santana.

Atualmente aposentado, e vivendo tranquilamente sua velhice ao lado da esposa dona Margarida seu Zé Praça todos os anos faz questão de participar no dia 7 de setembro em desfile militar na cidade de Feira de Santana, onde são prestadas homenagens aos soldados. Hoje em dia são poucos ainda vivos, mesmo assim fazem questão de fazer-se presente. Só lamentam a falta de reconhecimento por parte da sociedade brasileira, pois a cada ano que passa se tornam mais esquecidos da relevância dos seus serviços prestados. Além da participação nos desfiles, seu Zé também participa de eventos nas escolas, sempre que convidado. Também ainda possui um pequeno acervo de fotos da época em que serviu a FEB, patrimônio esse que poderia ser maior, se não fosse por má fé de algumas pessoas, que em tomando o material emprestado, nunca devolvia na mesma quantidade, além da ação do tempo. A seguir as poucas fotos restantes desse acervo.

---

## **“Nasci na Romênia, fui naturalizado francês e posteriormente naturalizado brasileiro”**

A Segunda Guerra Mundial foi um conflito de proporções gigantescas. Certamente é de se surpreender um município pequeno como Riachão do Jacuípe em abrigar personagens de condições diferentes, mas herdeiros das lembranças desse conflito, não como alguém que ouviu falar ou assistiu algum filme sobre o tema, mas sim, de personagens coadjuvantes, ativos desse processo.

Além de abrigar um ex-combatente da FEB, aqui também reside Armand Michel Cassyl Cohen, pelo nome incomum, dá para se imaginar que se trate de um estrangeiro. E é isso mesmo. Armand tem uma história curiosa, e extremamente interessante. Nascido na Romênia (país do leste europeu) no dia 15 de abril de 1946, ainda bebê, se muda para a França com os pais Alfred Avram Cohen e Paula Cohen, mais tarde essa mudança transporá o Oceano Atlântico em direção ao Brasil. Tem nacionalidade franco-brasileira, emitida pela portaria Ministerial de nº 483 de 12/04/1994, decreto lei nº 86.715 de 10/12/1981. É com orgulho que exhibe toda a documentação de cidadão brasileiro.

A história de Armand bem que poderia ser de mais um imigrante europeu tentando a sorte nas Américas. Como colocado na frase que intitula esse capítulo, falada com um largo sorriso no rosto. Armand nasce em um país, é criado em outro e atualmente vive em outro. Em busca de recontar alguns detalhes desse percurso e às razões que propiciaram essa mudança de local de morada, que não se trata apenas de mudança de uma cidade para outra, mas sim de um país para outro e até mesmo de continente, que de forma sucinta esse capítulo será abordado. As suas memórias ainda guardam algumas lembranças dos momentos de perseguição sofridas por sua família no período da guerra.

### **Dogivane: O que os seus pais contaram a respeito da mudança da Romênia para Paris?**

*Armand: Com um ano de idade saímos de lá (Romênia) numa viagem de trem em 1947. Ao chegar numa estação de trem na Hungria meu pai desceu para comprar uma garrafa d'água. Não demorando muito o trem partiu sem ele a bordo. Estava eu no colo da minha mãe. Para alcançá-los ele teve que tomar um táxi até a próxima estação. Ainda na Romênia eles viveram o período da guerra (Segunda Guerra*

*Mundial). A maior parte desse tempo nos subterrâneos era local público onde todos poderiam ficar.*

Armand é de família judia, e a perseguição aos judeus durante o período da Segunda Guerra foi implacável. As conseqüências foram à morte de milhões de judeus, e outros tantos milhares de desaparecidos.

Mas não é recente a ligação do Brasil, com a presença de judeus, principalmente refugiados. Esse fato acontece desde o período colonial, em razão das condenações proferidas pelo Tribunal do Santo Ofício na Europa. O fato de mais de seis milhões de pessoas terem sido mortas, só pelo fato de serem judeus, alimentou ainda mais após o término da Segunda Guerra Mundial uma fuga em massa de judeus para outras partes do mundo, sendo que muitos foram em direção a Israel, inclusive partes da família Cohen, que viviam na França, os demais ficaram na Europa ou vieram em direção ao Brasil.

Mas as lembranças relatadas não são episódios em nada agradável a serem lembrados. O desafio proposto ao senhor Armand em relembrar momentos do período da guerra, que na verdade serão lembranças que foram contadas por seus pais ainda quando criança, visto que Senhor Armand nasceu um ano após o final da guerra, com a sua família ainda na Romênia. Com uma vida agitada, em que trabalhou como produtor de cinema, motorista e atualmente é professor, o próprio Armand afirma que muita coisa foi se perdendo em suas lembranças, ou deverão ter ganho outros significados, o que é recorrente nas nossas lembranças, pois se trata de algo seletivo, o que fica gravado ou o que se perde, precisa-se que se tenha alguma utilidade ou finalidade com o decorrer dos anos.

O passado contido na memória é dinâmico como a própria memória individual ou grupal. Enquanto a narrativa da memória não se consubstancia em um documento escrito, ela é mutável e sofre variações que vão desde a ênfase ou a entonação até os silêncios e disfarces. (MEIHY, p. 61, 2005)

Segundo Meihy, é errado confundir memória com história. Enquanto memória é algo passível a ser mudado, a história é a oficialização do ato. Nesse sentido, o ano de 1946 e a saída da família judia da Romênia fora necessário uma busca na história oficial do que havia ocorrido naqueles anos, pois o senhor Armand não sabia ao certo, as razões da ida da sua família da Romênia para a França.

A Romênia, pequeno país localizado no leste europeu, foi uma das nações beneficiadas com fim da Primeira Guerra Mundial, visto que recebeu terras do antigo Império Austro-Húngaro, tendo assim seu território alargado. Nesse alargamento, juntaram ali etnias diferentes. Romenos mesmos não passavam de 30% da população. Os judeus eram proprietários da grande maioria dos bens de produção. Segundo Mann os judeus eram “4% da população, mas detinham 40% dos empreendimentos comerciais e de crédito e de 28% do setor industrial-artesanal e um quarto das profissões liberais”. Assim a riqueza somada pelos judeus superava e muito ao acúmulo dos romenos. Com isso os ânimos começam a se insuflar, em sentimentos nacionalistas de que a riqueza do país estava em mãos estrangeiras.

A família Cohen possuía casas comerciais, dentre essas uma loja de guarda chuvas e uma marcenaria. Eram comerciantes prósperos, mas que passaram juntamente com os demais judeus a sofrer perseguições.

O clima na Romênia anterior a guerra para os judeus se caracterizou por uma perseguição implacável, em episódios até mesmo no transporte coletivo. O país era uma democracia, e fora o último conceder direitos de cidadania aos judeus, o que não impediu o tratamento dado, a população. A prosperidade do povo judeu incomodava e muito a elite romena, que passaram a vê-los como ameaça. O processo político dentro da Romênia em nada apresentava um cenário favorecedor, visto que os problemas econômicos que se agravavam em toda a Europa, não livraram a nação, aspecto esse que não será aprofundado nesse trabalho.

Nas lembranças do Senhor Armand, consta justamente desse período ainda lá da Romênia, que fora dessas relações comerciais que seus pais se conheceram, casaram-se. Nesse momento a guerra já havia começado e a perseguição se acentua mais ainda. Momento esse em que parte da família decide ir para a França, seus pais ainda permanecem, vivendo nos subterrâneos públicos.

A sucinta lembrança desse período é trazida na cabeça já de um adulto, mas que fora contada a uma criança, é natural que boa parte dos momentos vivenciados pela família não tivesse sido relatado e que esse momento descrito tivesse sido o mais comum, vividos por todos, e que assim poderia ser relatado sem maiores constrangimentos. Mas viver em clima de guerra e ainda mais sabendo que ao serem capturados teriam a morte como endereço certo, a família Cohen talvez tivesse poupado o pequeno Armand de maiores detalhes desse período. Ou até mesmo, poderiam tê-lo dito, mas como já foi mencionado a memória sofre de um processo seletivo, essas informações desse período talvez tenha sido renegada pelas suas lembranças.

Pois a sua reminiscência é recheada de momentos de alegria, ainda vivenciado num continente que buscava se reerguer, destroçados político economicamente. Dessas lembranças contadas quando ainda era criança, sendo assim boa parte de suas lembranças estão centradas em bons momentos.

#### **Dogivane:Lembranças da França...**

*Armand:Fomos morar no bairro Ópera, na região central de Paris perto do teatro de mesmo nome. A rua onde morava era 22 Rue St. Augustin (na França o número da residência vem primeiro que o nome da rua). Perto do prédio havia uma floricultura e uma loja que vendia vinho e também era um depósito. Na frente do prédio tinha um bar-café muito chique. Ainda lembro que na entrada do prédio havia um lugar escondido debaixo da escada, onde dei o primeiro beijo na minha prima Danielle.*

O ano da saída de família Cohen da Romênia nos indica muitas pistas – o ano de 1947. Com o fim da Segunda Guerra Mundial, o mundo inicia uma divisão em blocos econômicos, políticos, ideológicos, em capitalistas e socialistas, EUA *versus* URSS. A Romênia situada no leste europeu é alinhada ao bloco comunista. As experiências que os judeus tiveram em Birobidjan<sup>5</sup>, na União Soviética, sinalizavam aos judeus residentes da Romênia que a melhor alternativa seria sair do país. Pois se a situação antes da guerra era desconfortável em razão das perseguições, com a presença do ideário comunista nos comandos políticos do país, favoreceriam uma perseguição ainda mais implacável.

<sup>5</sup>*local destinado ao povo judeu, pelo recém formado novo regime russo (comunista) onde seria implantado um “estado judeu”, situado na fronteira da antiga União Soviética com a Manchúria.*

Assim quando os comunistas chegaram ao poder em 1947 na Romênia, a família Cohen então segue em direção a França, onde demais parentes já residiam, posteriormente parte dos familiares seguem em direção a Israel. Alternativa essa que não foi abraçada pelos pais do senhor Armand, que preferiram vir para a América, de onde já haviam recebido notícias de amigos que aqui seria um lugar próspero. Assim em 1957 a família chega ao Brasil.

A reconstrução para a família Cohen passa longe de ser meramente financeira. Viver em um país de idioma diferente não seria novidade para o casal, em razão da primeira mudança para a França, mas para o pequeno Armand seria. A reconstrução de uma vida nova, sem os fantasmas das perseguições, que mesmo com o fim da guerra, já pela década de 1950, ainda estavam muito recente. É de certo que ele tenha convivido com sobreviventes do holocausto, dos campos de concentração europeus, ou até mesmo com judeus que em algum momento tenha relatado algo sobre esse período, mas a memória nesse momento é seletiva.

#### Considerações finais

Trabalhar com memórias não é um dos ofícios dos mais simplistas que se possa imaginar. A seleção natural, feita pela nossa memória do que deve ser lembrado ou não implica uma série de fatores e também impõe uma série de limites ao ofício do historiador.

A escrita da história transcorreu caminhos que passou do positivismo, a inserção de uma nova escrita da história com a escola dos *Annales*, dentre outras mudanças.

Às limitações impostas num trabalho com memória decorre do fato de que a matéria prima do nosso trabalho está centrado primordialmente de fatores relacionados com a saúde mental de quem se pretenda trabalhar, somando-se a isso às pressões exercidas pelo meio social.

O nosso primeiro personagem a ser abordado nesse trabalho trata-se de um senhor com quase 90 anos de idade onde a sua saúde fragilizada já não garante nitidez no seu raciocínio, por outro lado a sua idade já oferece uma visão talvez diferenciada da que teria se essa entrevista fosse feita no momento da sua chegada da guerra, em que tudo ainda estaria bastante nítido em suas memórias. O decorrer dos anos, e os ajustes sociais contribuíram para que a visão dos fatos ocorridos ganhasse nova re-significação.

O segundo personagem aqui apresentado tem o seu discurso bastante diferenciado. Não é preciso pensar muito em descobrir as razões da diferença. O pracinha vivenciou a ação, o filho de judeus ouviu falar da ação.

De qualquer forma, de qualquer lugar que se visualize, são histórias de vidas ímpares. Às razões da não lembrança do professor Armand ou das lembranças recheadas de histórias de Seu Zé Praça, estão fadados ao ofício do historiador, que como coloca Le Goff, é função do historiador escolher o documento que se tornará histórico ou não, e a história de seu Zé Praça e da família judia são documentos históricos. A veracidade dos fatos apresentados por eles estarão sempre em fase de contestação, isso é fato e recorrente na história. Mas o que não se pode contestar foram suas presenças

### **Referências:**

BURKER, Peter. *O que é História Cultural?*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

GINZBURG, Carlo. *O Queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

HOBBSBAWN, Eric J. *Era dos Extremos – o breve século XX – 1914-1991*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LE GOFF, Jacques. . *História e memória*. 5. ed Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 2003.

MANN, Michael. *Facistas*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de história oral*. 5. ed. rev. e ampl São Paulo: Loyola, 2005

NETO HENRIQUES, Anyzio. *A cobra fumou na Itália: o cotidiano dos pracinhas brasileiros no front*. UFJF/2005.

SILVEIRA, Joel. *O inverno da guerra*. Objetiva: Rio de Janeiro, 2005.

SKIDMORE, Thomas E. *Brasil: de Getúlio Vargas a Castelo Branco (1930-1964)*. 14. ed Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

TOTA, Antonio Pedro. *O imperialismo sedutor: a americanização do Brasil na Segunda Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento, silêncio*. *Estudos Históricos, Rio de Janeiro*, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15

# ANEXOS

## TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA

Entrevistadora: Dogivane Marques dos Santos

Nome do entrevistado: Armand Michel Cassyl Cohen

Nascimento: 15 de abril de 1946

Local de nascimento: Romênia

Nome dos pais: Paula Cohen e Alfred Avram Cohen

Certificado de naturalização portaria ministerial de nº 483 de 12 de abril de 1994. Decreto lei nº 86.715 de 10 de dezembro de 1981. Brasília, distrito federal. 20 de julho de 1994.

Data da entrevista: 03 de outubro de 2009 e 09 de janeiro de 2010

### **1. O que os seus pais contaram a respeito da mudança da Romênia para Paris?**

*Com um ano de idade saímos de lá (Romênia) numa viagem de trem em 1947. Ao chegar numa estação de trem na Hungria meu pai desceu para comprar uma garrafa d'água. Não demorando muito o trem partiu sem ele a bordo. Estava eu no colo da minha mãe. Para alcançá-los ele teve que tomar um táxi até a próxima estação. Ainda na Romênia eles viveram o período da guerra (Segunda Guerra Mundial). A maior parte desse tempo nos subterrâneos era local público onde todos poderiam ficar.*

### **2. Lembranças da França...**

*Fomos morar no bairro Ópera, na região central de Paris perto do teatro de mesmo nome. A rua onde morava era 22 Rue St. Augustin (na França o número da residência vem primeiro que o nome da rua). Perto do prédio havia uma floricultura e uma loja que vendia vinho e também era um depósito. Na frente do prédio tinha um bar-café muito chique. Ainda lembro que na entrada do prédio havia um lugar escondido debaixo da escada, onde dei o primeiro beijo na minha prima Danielle.*

*Nos anos cinquenta frequentei a escola da Rue Cambon, onde iniciei os primeiros anos escolares. Tive muitos amigos, que posso citar Chatel, Stern, L'oiseau, Lorust. Também posso citar os meus queridos professores: Berard, Beaur, com os quais foram tiradas fotos com os alunos. Perto da escola havia uma loja muito famosa no mundo: L'oreal, e outra da Coty (perfumaria).*

*Lembro que certa vez meu pai, me ensinou a atravessar à rua, para eu ir sozinho para a escola. Depois que ele me ensinou, ele me orientou que se estivesse na dúvida para atravessar que eu pedisse alguém mais velho para me ajudar. Pois bem, pedi para um senhor essa ajuda para atravessar a rua, era muito movimentada. Ele pegou na minha mão, mas no meio da travessia larguei a mão dele e corri. Pum! Uma bicicleta me atropelou. Saí ileso correndo para a escola (risos)*

### **3. Lembranças do cotidiano...**

*Um dia ao chegar da escola, minha mãe estava batendo uma berinjela para o almoço. E eu, pedi para ela me dar para experimentar, coisa que ela negou. Fiquei com raiva e sair correndo da cozinha em direção a sala, e fui bater na janela da sala a qual quebrou e partiu o meu pulso. Minha mãe logo telefonou para meu tio que era médico, o qual pediu a ela para que eu ficasse sentado e com a mão suspensa para cima até ele chegar.*

*Lembro que por ocasião dos dias que antecederam a morte do meu avô paterno na França, eu fiquei uns dias na casa desse tio onde fiquei no mesmo quarto do meu primo Jean Jacques com o qual ia junto para a escola que ele freqüentava. Pude ver o quanto ele era inteligente. Quando ele terminava o dever de matemática na sala o professor pedia que ele saísse. Hoje esse meu primo é um renomado médico pediatra na França.*

### **4. Seu Alfred Cohen...**

*Meu pai trabalhava viajando por toda a França como representante de tecidos de algodão. Semanas antes da viagem ao Brasil, mudamos para um bairro mais distante do centro de Paris, para uma casa que era um sobrado e que tinha um sótão, o quintal possuía um pomar. O endereço era 8 Rue Gudin, onde descobri que perto tinha uma grande loja de departamento na qual no setor de papelaria comprei um livreto sobre Napoleão.*

### **5. A viagem para o Brasil**

*Era o ano de 1955, mês de junho. Já estava com 9 anos. Meu pai preparou às suas bagagens e as minhas, pois minha mãe iria ficar para vir depois. Acompanharam nessa viagem o sócio do meu pai Senhor Leon com a esposa e o filho Julien ( ambos falecidos). Partimos de Paris tomando um trem até o porto de Marselha, a fim de embarcarmos no navio. Foram quinze dias de viagem na qual meu pai me ensinou que se eu visse um menino pretinho, era para chamá-lo de Pelé. Chegamos a Santos no*

*dia 17 de junho. Daí fomos em direção À São Paulo. Meu pai procurou à casa de um grande amigo de infância que morava no centro de São Paulo. Esse amigo o Senhor Max Gradim era dono de uma fábrica de alfinetes na cidade de Santo André. Foi na casa dele que passamos a primeira noite em São Paulo. Após isso meu pai e o amigo dele Leon conseguiram alugar um apartamento na mesma rua do Sr. Max, onde ficamos por algum tempo até minha mãe chegar com os móveis e demais bagagens. Mudamos então para outro apartamento na mesma rua. Lembro que o nome do zelador do prédio era Natalino, era um simpático senhor de cor, bem alto.*

## **6. A vida no Brasil...**

*Ainda nesse tempo comecei a freqüentar uma escola a fim de concluir o meu primário foi no colégio Maria José, que era perto da minha casa, onde às salas de aulas eram mistas. Lembro que me colocaram sentado ao lado de uma menina loira a qual me ajudava nos deveres.*

*O tempo passou e fui para outra escola que era o ginásio Staford, uma das melhores escolas da época.*

*Para ir a essa escola ia de bonde e voltando para casa lembro que minha mãe deixava na mercearia embaixo do prédio, um sanduíche de mortadela. Também lembro que a vizinha de apartamento me convidava para comer banana assada no forno. Minha mãe nesse tempo ia para uma sauna e meu pai tinha arrumado um trabalho com o Sr. Leon, os quais eram sócios numa loja de confecções.*

*Em 1960 entrei no ginásio após prestar exame de admissão no Colégio Osvaldo Cruz, que conclui meu ginásio, entre 1960 e 1964, onde estudei latim, espanhol, francês e inglês. Após o ginásio, meu pai queria que eu seguisse o curso de química industrial, pois na época estava na moda. Fui matriculado. Mas tomei “bomba” (risos), duas vezes. Desisti e fui trabalhar na área de cinema de 1970 à 1980, nesse período conheci a minha esposa Silvandira e casei. Em 1985 vim com ela conhecer a sua mãe na cidade de Valente (Bahia) onde fiquei até o final de 1985 e trabalhei na prefeitura na gestão de Dr. Gelson Carneiro.*

*Ao mesmo tempo matriculei-me no Centro Educacional Cenecista Roberval Ramos, onde comecei o primeiro ano do ensino técnico em contabilidade. No início de 1986 voltamos para São Paulo onde ficamos até 1989. Foi quando voltamos para Valente onde continuei contabilidade entrando já no segundo ano. Em 1991 mudamos de Valente para Riachão do Jacuípe, que só conhecia de passagem, pois eu fazia “linha”*

*com meu carro. Aqui em Riachão matriculei-me no Centro Educacional Cenecista Nossa Senhora da Conceição, para continuar meus estudos. Mas aconteceu que ao mesmo tempo que eu era aluno fui convidado pela falecida professora Maria Dagmar de Miranda e professor Almir para ensinar inglês, pois vendo meu histórico escolar acharam que eu daria conta de ensinar algumas turmas noturnas. Sendo assim vinha momentos que eu estava em sala de aula como aluno e no outro momento tinha que seguir o horário que me deram das salas que daria aula.*

*Fui chamado pela escola vizinha Escola Modelo Manuel Mascarenhas para também ensinar inglês. Terminei o segundo ano de contabilidade e comecei o terceiro ano, ao mesmo tempo me matriculei no segundo magistério na mesma escola, como havia poucos alunos tive que mudar de escola e então fui estudar no Colégio João Campos. Em 1993 além de concluir o magistério e contrair hepatite, também prestei concurso para professor do estado no qual passei em quinto lugar, sendo chamado em 1994. Em 1998 prestei vestibular no Campus XIV da UNEB (Conceição do Coité) para Letras com inglês onde conclui em 2002.*

*Ah!Esqueci de falar também, no ano de 1957 nasceu minha irmã Dominique, que ainda mora em São Paulo e é formada como tradutora em francês e inglês. Meu pai Alfred faleceu em 2002 e minha mãe Paula irá fazer 95 anos em novembro. Sou natural da Romênia, naturalizado francês e posteriormente brasileiro, portanto tenho as nacionalidades, brasileira e francesa, assim como meus filhos Emerson e Ana Paula. Quando vivia em São Paulo eu freqüentava a sinagoga, pois sou de religião judaica, mas conheço à religião budista, espírita, católica, adventista. E tenho como hobbie na atualidade colecionar vídeos de casamentos das mais variadas religiões acontecidos aqui no Brasil.*

## TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA

Entrevistadora: Dogivane Marques dos Santos

Nome do entrevistado: José Francisco da Silva

Nascimento: 22 de abril de 19922

Local de nascimento: Candeal (por essa época ainda fazia parte do município de Riachão do Jacuípe)

Nome dos pais: Argemiro da Silva e Anizia Francisco da Silva

José Francisco da Silva, esse é o nome do nosso personagem, ou como ficou conhecido no município, Seu Zé Praça. Filho do casal de primos do primeiro grau, Argemiro da Silva e Anizia Francisco da Silva, nasceu no município de Riachão do Jacuípe, aos 22 de abril de 19922.

Daqui em diante iremos sempre nos referir como Seu Zé Praça, pois é com muito orgulho que carrega essa referência. Desde cedo, ajudava o pai em trabalhos de roçado, é como o próprio diz “sempre fui roceiro”. Mas o que parecia impossível, para um rapaz que vivia no interior do Brasil, longe dos grandes centros políticos e econômicos, aconteceu.

Já rapaz, continuava trabalhando em afazeres de lavrador, enquanto isso a quilômetros dali, o mundo entrava em ebulição, a Europa estava entrando na sua segunda grande guerra, num mesmo século.

Mesmo distante a população interiorana, tomava conhecimento dos conflitos em noticiários diários das poucas rádios existentes no Brasil e também dos poucos aparelhos disponíveis na comunidade.

**Dogivane – Como o senhor se alistou para ir a guerra? (04 de novembro de 2008)**

**Zé Praça-** *(silêncio, seguido de risos) Ah minha filha! Eu trabalhava no roçado lá em Candeal (nessa época ainda fazia parte do município de Riachão do Jacuípe) aí meu patrão chegou e disse, Zé você quer entrar no exército? Quero. Aí ele arrumou tudo.*

**Dogivane – Como o senhor se alistou para ir a guerra? (05 de setembro de 2009)**

*Zé Praça- deixa ver se eu lembro (silêncio) minha filha teve um dia que eu me envolvi numa confusão, e foi todo mundo parar na delegacia, quando se arresolveu tudo o delegado disse que eu ia pro exército. Eu fiquei foi alegre (risos)*

**Dogivane: Antes de ir a guerra, mesmo longe o senhor sabia do que estava acontecendo naquele momento?**

*Zé Praça: Quando eu ia na cidade o povo falava de uma guerra que tava matando todo mundo. Lá na roça a gente num tinha rádio e só sabia das coisas quando vinha aqui na rua, o que era raro.*

**Dogivane: Depois do alistamento como se deu a organização para a viagem?**

*Zé Praça: foi todo mundo lá pra Feira de Santana. De lá para Salvador e depois embarcamos para o Rio de Janeiro.*

**Dogivane: Além do senhor, quem mais aqui do município participou dessa campanha?**

*Zé Praça: Ah! Eu lembro de Tuite, Cici, Manuel Bispo e Estevão, mas num ta nenhum mais vivo (risos) só sobrou eu, mas eles num morreram lá não (Itália) morreram já aqui.*

**Dogivane: O que aconteceu quando chegaram ao Rio de Janeiro?**

*Zé Praça: A gente ficou lá dois meses treinando com os americanos. Você acredita que eu num entendia nada do que eles falavam? (risos) aí eles iam fazendo as coisas com as armas e agente ia olhando, aí foi aprendendo alguma coisa, saí formado “Atirador da 1ª Peça da Metralhadora”.*

**Dogivane: Como foi a viagem no navio?**

*Zé Praça: Ah foi boa demais, a gente levou um bucado de coisa : violas, pandeiros, atabaques além de fotos da família. Agente ia sorrindo, contando piada, que nem aprecia que a gente tava indo pra guerra.*

**Dogivane: Como foi a chegada da tropa na Itália?**

*Zé Praça: A gente desembarcou no porto de Nápoles aí disseram pra cada um pegar a sua bagagem. Fizemos isso e fomos caminhando para um prédio. Quando a gente subiu a escada,*

*alguém gritou corram. (risos) ué a gente saiu correndo né, a gente correu muito e levaram agente para um subterrâneo do prédio. Só depois é que disseram pra gente. Sejam bem vindos a guerra! Na hora nem entendi direito. Mas depois explicaram que eram os inimigos que estavam bombardeando tudo, ainda bem que ninguém se machucou.*

**Dogivane: Não se arrependeu de ter ido quando aconteceu esse episódio?**

**Zé Praça.** *Não. Não tinha mais como voltar*

**Dogivane:** Como era o cotidiano das frentes de batalha?

**Zé Praça:** *o pior de tudo era o frio. Eu nunca tinha nem sonhado de como era a neve, e quando agente chegou lá tava nevando, nunca senti tanto frio na minha vida. A gente recebia para ir pras trincheiras um maço de cigarros, um cantil com água ou café, e uma lata aonde vinha uns biscoitos, a gente chegava a ficar até 24 horas dentro das trincheiras, era cansativo. Ma era divertido. Eu fui até conhecer Roma.*

**Dogivane:** *Dificuldades na guerra...*

**Zé Praça:** *A região era extremamente montanhosa, e de densa floresta. Os soldados alemães que já estavam lá conheciam mais a região do que os brasileiros. Em um dia de combate a gente viu os alemães se utilizaram de táticas de camuflagem com roupas que se pareciam a vegetação, além de amarrarem folhagens aos seus corpos, os soldados saiam dos esconderijos e o tiroteio era brabo. Nesse dia foi o mais demorado dos combates, tendo o grupamento brasileiro saído como vencedor.*

**Dogivane:** *Como foi a chegada de volta ao Brasil?*

**Zé Praça:** *Ah! Foi um dia lindo. O presidente Getúlio Vargas foi receber a gente no desembarque do navio. A gente fez uma fila e foi saindo e Le colocando uma medalha na camisa da gente. Nunca vou me esquecer disso, tenho ela até hoje. Ta vendo lá (e aponta para um quadro na parede)foi aquela tá veinha, mas guardo com carinho.*